

ORGÃO DE DIVULGAÇÃO DA FEABESP — Rua Maria José 450 — Bela Vista SP.

## NO ANO DA XI COPA O ESPORTISTA NEGRO AINDA SOFRE DISCRIMINAÇÃO

Justamente quando o Brasil inteiro comemorava os 90 anos de abolição do negro ele teve que sentir que tudo não deixou de ser utópico diante das notícias alarmantes publicadas em manchetes de jornais sobre o racismo em uma agremiação desportiva da Capital.

Para muita gente que acredita na falsa democracia racial, fato dessa natureza pode até causar impacto

e mesmo suprênder porque desconhece até certo ponto as relações que existem entre brancos e negros, relações estas que diversificam os indivíduos e que a sociedade os enquadram entre os minorias raciais.

No entanto, não ignoramos problemas discriminatórios que sempre existiram em instituições de tais natureza e em todas épocas em nosso país.

pág. 3.

### FUTEBOL NAS ESCOLAS

A Secretaria de Esporte e Turismo promoveu no mês de maio, um grande torneio de futebol das Escolas de Samba, visando com isso incentivar novas atividades dentro das mesmas.

Tiveram a colaboração e patrocínio da Loja da China, que fornece uniformes completos a cada uma delas. Na oportunidade contamos com grandes participantes como as Escolas Camisa Verde e Branco, Fio de Ouro, Mocidade Alegre, Império do Cambuci, Vai-Vai, Colorado do Brás Tom Maior, Rosas de Ouro, Flor da Penha.

Saindo como vencedora a Escola de Samba Camisa Verde e Branco, que com garra e muita luta, venceu na partida final a grande equipe da Mocidade Alegre.



Após 80 minutos de futebol-emoção, mais 20 minutos exaustivos da prorrogação, soubemos finalmente através de penaltis o grande vencedor que determinou com placar de 6x5.

Dados técnicos da Equipe Campeã: que jogou com:

Nego, Jura, Edu, Papel, Claudinho, Joel, Ademir, Denisinho, Ricardo, Maquila e Dão.

Suplentes: Paulinho, Joãozinho, Thiers, Celsinho, Clovis, Elias, Carlinhos e Neno.

Técnico: Pelezão; Diretor de Esporte: Zulu; Supervisor: Tobias; Massagista: Orlando.

«Artilheiro do Torneio: Denisinho com 7 gols».

## HARLEM, inferno ou paraíso?

Iniciamos nesta edição a publicação de uma série de três artigos, em que um dos nossos colaboradores mostrará alguns aspectos da vida no Harlem, o bairro negro de Nova York, dentro de uma visão real dos fatos. Sem as distorções com que sempre têm sido apresentados pela imprensa e outros órgãos de comunicação, comuns, ora o Paraíso, ora o inferno conforme os interesses do momento.

Página 8



## Editorial

Mais uma série de dificuldades foram vencidas e, pela terceira vez, estamos na rua. As coisas não têm sido fáceis! Além das naturais dificuldades de uma equipe reduzida e em fase de entrosamento, a questão financeira tem sido um pesadelo. A distribuição ainda é falha provocando um encalhe perigoso, pois dependemos da venda de um número para fazer o próximo.

Mas sinais positivos estão

surgindo. Neste número contamos com o apoio financeiro de alguns irmãos que colaboraram através de anúncios. Porém, a grande batalha é a da distribuição: é preciso que **Jornegro** chegue ao maior número possível de nossa gente porque jornal é cultura e cultura é poder. É preciso que cada leitor passe adiante pelo menos um outro exemplar a um amigo ou parente principalmente

onde a existência de um jornal para tratar de nossos interesses ainda não é conhecida.

No plano da criação a participação da comunidade está se ampliando: estamos publicando material de três novos colaboradores, um dos quais é nosso primeiro correspondente no interior. Também está conosco o sr. Henrique Cunha, grande batalhador pela imprensa negra

que integrou as equipes dos jornais **O Clarim da Alvorada** (década de 20) e a **Chibata** (década de 30) e que está em nossas páginas falando de racismo no esporte.

A mulher está presente, dando sua contribuição; é também esta participação, que queremos que todos os leitores dêem para os números futuros, pois esse é nosso Jornal.

### EIS PORQUE TODOS QUEREM SALVAR A ÁFRICA

No primeiro número do nosso jornal publicamos um artigo sobre a África sob o título acima. Recebemos do leitor F.M.D. carta em que ele responde aquela angustiante interrogação do articulista.

Passada a fase do colonialismo, apesar de existirem ainda alguns redutos, a África está se tornando livre, e todos querem ajudá-la e protegê-la disso e daquilo.

Concordamos que a ajuda prestada por alguns, se faz em bases revolucionárias, onde os ideais da libertação do colonialismo são comuns. Porém, as grandes potências em sua singeleza de espírito e seu espírito humanitário lutam acirradamente entre si, para deterem um maior raio de ocupação na África. Para cumprir tal intento, elas não se fazem de rogadas, ao mesmo tempo que patrocinam revoluções, firmam compromissos com os atuais governantes. Isso praticamente ocorreu entre o Zaire e a Bélgica, na agora famosa operação Shaba. Os pará quedistas belgas demoraram para entrar em luta, não porque não dispunham de uma força operacional, mas sim porque ela estava já negociando com as tropas rebeldes. Mas porque tanta transa para salvar a África?

Shaba, no Zaire, nos servirá como ótimo exemplo para respondermos a tal pergunta: Nessa região se produzem anualmente 500 mil toneladas de cobre (e o sexto produtor e o

terceiro exportador mundial), 15 mil toneladas de cobalto (primeiro produtor e exportador mundial), 70 mil toneladas de zinco, estanho, cádmio, platina, ouro, prata, urânio, diamante industrial (primeiro produto mundial). Além do valor intrínseco, essa produção tem uma importância estratégica determinante para as provisões de todo o sistema econômico e militar ocidental. O urânio de Shaba contribui para o bom funcionamento das indústrias nucleares européias e norte americanas, seu cobalto e seus outros metais raros e também seus diamantes industriais são essenciais para as indústrias aeroespaciais.

A riqueza de Shaba provoca, portanto, no Ocidente e Leste, múltiplas invejas.

E são elas as responsáveis em grande parte pelas últimas crises, aonde se lançam atualmente as grandes potências, visando controlar as matérias essenciais.

Numa análise maior sabe-se que a mãe África, detém 97% das reservas de cromo, 85% de platina, 65% de ouro, 50% de manganês, 25% de urânio, 13% de cobre e é também um reservatório considerável de petróleo, ferro, diamante, bauxita, fosfato, carvão, sem contar os produtos tropicais tais como: café, cacau, borracha, etc.

Estes são os elementos necessários para que se tenha a resposta sobre o por que todos querem salvar a mãe África: temos portanto o surgimento de um neocolonialismo, onde a exploração humana vem ligada diretamente a exploração do solo (e o subsolo).

Tudo ocorrendo sob o manto da proteção e preservação dos direitos humanos.

### E A VIDA CONTINUA...

Há pouco tempo tivemos todo um estardalhaço em torno de um suposto caso de preconceito racial por parte da diretoria de um clube da capital.

Isso mesmo, suposto, pois o que foi evidente para os olhos de todos, para quem de direito não o foi. Tivemos de tudo: manifestações de repúdio, abaixo assinado, vozes na Câmara, enfim, tudo se fez para caracterizar o delito cometido.

De outro lado (da direção do clube) houve as mais diversas declarações: desde «mas como», «impossível», «temos pretinhos em nossa escolinha», «querem comprometer a direção do clube», «calúnia», etc...

Houve até uma nota que o ministro Armando Falcão mandou, para apurar os fatos; mas se esquece o sr. ministro que nesse País de Deus, os fatos são apurados da forma que se quer, e de maneira que se queira. Como outras tantas vezes, tudo ficou esquecido, nada se comenta.

Aconteceu até de um jornal mandar uma irmã repórter, que se apresentou ao clube interessada em adquirir um título a vista e sutilmente (como sempre) foi posta de lado.

Já esta no momento em que nossa comunidade deveria exigir que a justiça fosse feita. Devemos respaldar esses nossos irmãos. As formas são várias, devemos pois adotar uma, não ficando indiferente a esse tipo de coisa. Quantos de nos podem entrar em hotéis, restaurantes, boates, sem serem hostilizados ou

passarmos por vexames? Porém na hora que estamos defendendo as cores da bandeira de um clube, do estado ou até mesmo da nação nos exigem o máximo, mas quase nunca temos a volta. Somos a metade da população brasileira e como tal merecemos o mesmo tratamento e respeito que é dispensado ao resto da nação.

Não devemos ficar escondidos nos restaurantes, ser hostilizados nas lojas, nos empregos. Devemos exigir e ocupar um lugar de igualdade, se caso isso não acontecer, devemos, também agir como agem todos. Os casos tais como Ademar Ferreira da Silva, a professorinha de Minas Gerais e tantos outros estão em nossas mentes, existe todo um rosário de fatos, de injustiças, que quando se apuram os fatos tomamos a pior, pois todos os fatos foram distorcidos (o caso do psiquiatra do Rio de Janeiro... Lembram-se?). Enfim, não devemos deixar que o racismo camuflado sofrido pelos nosso país após a libertação dos escravos venha a nos atingir.

Não devemos esquecer que somos consumidores, e direta ou indiretamente, ajudamos no desenvolvimento dessa sociedade, e se ela nos é hostil, melhor será que nos desvinculemos, talvez assim ela, no seu todo, sentira a falta que fazemos e quem sabe então, em bases de igualdade possamos formar a tal decantada democracia racial (se e que ela existe).

#### ASSINATURAS

Para você ser assinante do JORNEIRO basta preencher o cupom abaixo e repor vale postal (em qualquer agência dos Correios) o valor da assinatura em nome da FEABESP, caixa postal 13.320 CEP 01.000 São Paulo, S.P.

NOME .....  
ENDEREÇO .....  
CEP .....

Preço da assinatura: Cr\$ 60,00, por 12 números (incluídos despesas do Correio. Você receberá um exemplar grátis).

## Não querem adotar crianças negras, por quê?

Recentemente os responsáveis pela FEBEM (Fundação do Bem Estar do Menor), informaram que «do total de crianças abandonadas 80% são crianças de «cor» e que, além disso, as pessoas (de todas as raças) que vêm adotando algumas dessas crianças preferem as de cor branca». Isso levou os responsáveis pela Fundação a fazer um apelo às famílias de raça negra para que adotem as crianças de «cor».

Este é mais um bom exemplo de como se manifesta (sutilmente) o racismo aqui no Brasil. Ninguém pode acusar uma pessoa de racista por preferir a criança branca e não a negra; mas quando a grande maioria das crianças adotadas por indivíduos das mais variadas raças são brancas, está bem claro que ninguém quer a criança negra porque estas terão maiores dificuldades em um mundo onde a sua presença não será agradável, começando da escola até o trabalho, estas crianças terão grandes problemas para se adaptar ao mundo dos brancos.

E então, como solucionar o problema?

Em primeiro lugar é bom sabermos que são poucas as pessoas que têm condições de adotar crianças, e em nossa comunidade esse número desce ainda mais, e por isso não vai ser fácil encontrar muitas famílias de nossa comunidade que possam adotar crianças negras; por outro lado as famílias brancas não adotarão essas crianças, pois terão os mesmos problemas das famílias negras que adotam crianças brancas. É claro que existem exceções, e por serem «exceções» não poderão solucionar esse problema evidentemente mais geral; e que para ser resolvida necessitará da adoção de medidas de caráter social mais amplo.

Pelo número de menores abandonados e pela percentagem de crianças negras entre eles no Brasil, vê-se que a coisa possui complexidade e não poderá ser resolvida através de soluções imediatas e restritas.

O problema do menor abandonado seria resolvido em parte, se o poder aquisitivo do brasileiro médio (que é baixo) aumentasse de muito; mas isso hoje é só uma esperança, e está intimamente relacionado com a participação política da classe trabalhadora. Juntamente com isso vai ser necessário que nossos governantes deixem de pensar que não existe racismo no Brasil e dêem início a uma



política de melhoria das raças oprimidas (nós e os índios principalmente). Sabemos que isso, também, está ligado à participação efetiva destes grupos no destino da Nação.

Mas enquanto isso não acontece, continuaremos a ver grande número de crianças abandonadas que na sua maioria serão descendentes de negros, poucas famílias em condições de adotar crianças e menos ainda famílias que queiram adotar crianças sem distinção de raça.

## Expediente

**JORNEIRO** — órgão de divulgação da Federação das Entidades Afro-Brasileiras do Estado de São Paulo.

**Redação:** Francisco Carlos dos Santos (Tato), Francisco Marcos Dias, Jamu Minka, Leonardo Ferreira.

**Colaboradores:** Henrique Cunha, José Carlos Gomes dos Santos, Cláudio, Vera Lucia de Oliveira, Marizilda.

**Correspondentes:** Luiz Silva (Santos), Luiz Serafim (Orlandia)

**Fotografia:** Luis Paulo P. Lima e Mensah Gamba.

**Ilustração:** Jacques Felix Trindade  
**Produção e Diagramação:** Ubirajara Motta.

**Diretor responsável:** Odacir de Mattos.

**Redação e Administração:** Rua Maria José, 450, São Paulo. Composto e impresso nas Oficinas dos Diários Associados — Rua Sete de Abril, 230 1º andar. Órgão de circulação interna da FEABESP. Registro em andamento. Correspondência: Caixa Postal 13.320 CEP 01000 — São Paulo — SP.

Acontece, porém, que esse fenômeno se processava abertamente e em todos os setores como se vivéssemos nos países dos «apartheids» mas, antes as coações das leis anti-discriminatórias a ação exerce entre subterfúgios, de modo sorrateiro em socápas organizadas e assim tudo segue imperceptível e só vem à baila publicitária quando alguém como aqueles técnicos dos ditos clubes desembreadamente tem a coragem de levá los a público.

E o negro brasileiro durante todos esses anos de sua emancipação vem lutando e periclitando desejoso de uma integração que por direito lhe compete e que a Constituição lhe ortoga pela sua nacionalidade.

E, hoje nestas colunas de um jornal da raça podemos reviver as nossas mágoas e os nossos protestos, relembrando as barreiras surgidas na ocasião da admissão de um negro, em que o último parágrafo dos estatutos ostensivamente dizia: «Para o ingresso do associado é preciso que seja de cor branca».

Fato idêntico àquele degradante acontecimento e que muito se comentou e dizem que abriu se até processo, já houve em 1927 e nesse mesmo clube C.R.Tietê, quando um distinto atleta negro, filho de um ilustre Prof. José Bento de Assis de latim da Faculdade de Direot da USP, foi barrado naquele mesmo clube, ao podendo exercer a prática de esporte como desejava, exclusivamente por ser negro. E de tais fatos só se tinha conhecimento quando surgiam publicamente, mas de um modo geral todas as agremiações coneneres usavam o mesmo sistema.

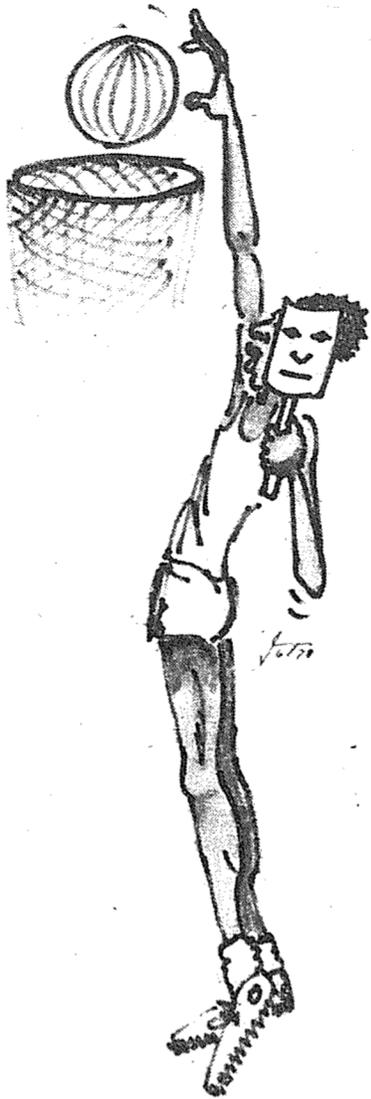
E se falando dos fatos racistas naquela época, lá pelos meados de 1925 se começava discutir sobre as possibilidades do negro ingressar nas equipes de futebol, porém isto se consumou como o advento do profissionalismo, ainda mesmo em poucas entidades, porque não os grandes, com poucas excessões, eram contra e a própria Federação não animava.

Nesta mesma época os pequenos clubes, Bangu, Vila Isabel, etc., do Rio de Janeiro, já davam acesso aos mulatos, porém como empregados.

E continuando a nossa ilustração histórica sobre o preconceito no Clube Atlético Paulistano, fundado pela alta sociedade paulistana, com a mentalidade ainda dos escravocratas, o negro não entrava nem como servçal, isto no meio ambiente social.

E para os poucos atletas pobres e negros, havia entrada exclusiva, e foi nesse clube que surgiu o grande atleta Nestor da Silva, que se não mel falha a memória, foi o primeiro campeão da São Silvestre e campeão três vezes consecutivas. Foi um clube de grandes glórias no futebol, prática esta que foi extinta, talvez, por se tornar muito popular.

E o seu sucessor na prática do futebol foi o São Paulo F.C. que tinha após a sua implantação grande número de



## No ano da XI Copa, o esportista brasileiro ainda sofre discriminação

afeiçoados negros, mas esta entidade, como as outras, trazia no seu bojo mental os mesmos princípios de restrições. Pois ainda lembro me, no ano de 1934, quando a imprensa falada e escrita publicavam uma nota de um protesto de um velho associado negro que dizia: «Encurtei o leito do meu filho para ajudar a construção desse clube e agora fui barrado quando pretendia entrar em sua sede social por eu ser negro».

Naquela época negro lá não entrava, mesmo sendo sócio e isto aldeou os meios associativos, houve o clássico protesto e oportunamente surge um ilustre militar muito conhecido nos meios esportivos e que veio em defesa do negro. Pois se apresentava ele como amigo a raça e fervoroso devoto da lendária N.S. Aparecida. E comumente outras entidades com tais foros de grandeza usavam de processos idênticos em matéria de preconceito.

Pois, nesta cidade cosmopolita onde grande número de povos e raças se afluí, muitos clubes de colônias estrangeiras se organizou e nas mesmas entidades não só havia a discriminação de cor como de nacionalidade. Eram comuns as restrições para os nacionais e as prioridades de funções eram exercidas por elementos da própria comunidade. Neste contexto podemos citar o «Paleta Itália», hoje o Palmeiras F.C., que teve de mudar de nome devido a última guerra mundial, por ser aquela entidade simpática ao Eixo Alemanha, Japão, Itália, e às suas manifestações facistas; na mudança de nome e arrefecimento das ações internas, evitou o seu fechamento pelas nossas autoridades.

E esta entidade foi tão preconceituosa que só integrou negros depois de 1952, após grandes debates e polêmicas entre seus dirigentes, assim mesmo prevalecendo a tese de que o atleta seria apenas empregado do clube e não teria acesso ou participação em outras funções sociais. Já aí se denota os princípios discriminatórios. E os outros clubes se formaram baseados no mesmo sistema como foi o S.C.Germania, hoje, Pinheiros S.C.Sírios e outros.

Mais um grande clube e este um tanto popular na época e que foi fundado pelos espanhóis foi o «Timão» do Parque São Jorge que embora tivesse no seu seio um racista e ídolo do clube — ONeco,foi no entantoum baluarte nadécada de 20 levantando uma bandeira a favor dos direitos do negro no esporte, mas denegriu toda aquela glória quando permitiram que alguns brancos fizessem restrições ao elemento de «cor» na frequência de sua nova piscina.

E por falar em piscina há muitos clubes que podiam construir a sua já reclamada pelos seus associados e não só fazem e se omitem para não terem problemas de ordem social. Percebe se...

Mas também dá a se perceber que a maioria das entidades tem noseu quadro associativo elementos da comunidade negra e estes jamais são convocados para fazer parte do corpo diretivo da agremiação, salvo o Santos F.C. que há

pouco colocou o ex-deputado Esmeraldo Tarquinio como Conselheiro, aquele que por paixão se propôs a comer grama, segundo nos declarou a imprensa. E também me cumpre fazer jus ao «Timão» do Parque S.Jorge que teve um negro na diretoria, na década de 40, de nome Mario Henrique d' Almeida, foi diretor de futebol e desempenhou sua função com brilho naquela em que o clube ainda tirava os seus campeonatos. E de outros jamais tivemos conhecimento, pois o negro sempre foi marginalizado.

Ainda na minha frágil reminiscência, lembro-me de que os negros para praticar desportos em nosso Estado tinham que fazer os seus grupos isoladamente e foi assim que surgiram os grandes clubes como o S.C.S.Geraldo, o invencível da Barra Funda, o C.A. Cravos Vermelhos do Cambuci e o Clube Negro de Cultural Social em 1932, sendo este fundado por elemento da Imprensa Negra e possuía diversas modalidades de esportes. Destacamos ainda o fabuloso Mateus Marcondes no Atletismo que, para demonstrar a superioridade física da sua raça, lançou entre 1926-28 um desafio inédito — uma maratona de São Paulo a Santos. No entanto ele correu só e foi muito bem sucedido. Ainda tivemos a muralha negra — Benedito dos Santos (1926), campeão brasileiro de boxe de todos os pesos, sacrificando num ring por chauvinismo imposto em um momento que ele caído, impossibilitado de continuar na luta um graduado fê-lo continuar lutando porque estava em jogo o nome da pátria.

E assim tivemos muitos outros valores esportistas da raça muito famosos na época e que ficaram no esquecimento e no anonimato.

E todas as novas organizações se submergiam num fim melancólico por falta de apoio da comunidade e a omissão das entidades que na época existiam para amparar o esporte em nossa terra.

E se fossemos olhados com maior desvelo, talvez hoje não estaríamos passando por meios vexatórios como tem acontecido, porque no momento em que um prócer como daquela entidade C.R.Tietê faz publicamente aquela ignominosa declaração — «se entrar um negro na nossa piscina, 200 brancos saem» — isto nos dá certeza de que ainda vivemos uma sociedade arcaica e embrutecida onde em determinados meios o negro não é tolerado mesmo tendo o amparo das leis que o considera um elemento digno da sua soberania.

E aqui fica nestas singelas colunas do JORNEIRO um pqueno capítulo da nossa longa e triste história desses degradantes fenômenos que é o preconceito e as discriminações nas agremiações.

E o negro que sempre esteve presente nessa trajetória de lutas deve nos dias de hoje se sentir frustrado diante daqueles que propaga por todo o país: «Jovens pratiquem esporte, esporte é patriotismo e saúde...»



**Salão do Cido**  
MAQUILAGEM — LIMPEZA DE PELE  
— BLACK POWER —

**ELE**      **ELA**

VOCÊ ENTRA FEIO E SAI BONITO

RUA ABURÁ, 20-A FONE: 266-2918 CASA V. ALTA  
PRAÇA SANTÍSSIMA TRINDADE SP

**RANCHINHO** RESTAURANTE E CHURRASCARIA  
sob direção familiar  
COZINHA CASEIRA

especialidade da casa:  
churrasco à gaúcha, à brasileira, contra filés, lombo, frango grelhado e ao molho pardo.

para viagem:  
frango grelhado, churrasco misto e pizzas.  
estacionamento no local

**ESTRADA DE ITAPECERICA DA SERRA  
1315, VILA DAS BELEZAS — STO AMARO**

**Leia, divulgue e assine JORNEIRO**

Gozado, né? Dia desses, tava lá eu, apressado num lotação, véspera de 13 de maio, carro cheio, digo, faltando apenas um passageiro para o total contentamento do motorista.

Lá pelos tantos quilômetros da avenida, faz parar o carro e entra uma mulata... não era bem mulata, mais pro lado da morena... Sei lá. A verdade é que era difícil dizer em que grupo ela se enquadrava mais adequadamente. No Brasil, apesar dos pesares, isso não é coisa que assuste ninguém.

Bonita a moça!  
Força de expressão. Devia já estar beirando a casa dos quarenta.

Tagarel! Comunicativa!  
Entrou, deixou-se sentar no assento traseiro, no lugar que lhe cabia, pois era o único e, em poucos segundos disse quem era, quem não era, quem não deixava de ser e quem não queria ser.

Era cabeleireira.  
— E já tô atrasada. Vou maquiar a Bonequinha do Café.

Eu só na escuta.  
— Ontem, fui ao coquetel. Whisky do bom e do melhor, cô tinha que vê... — dizia à outra do seu lado que ouvia, parecia muito mais por educação que por interesse.

Mas a moça era dessas que, como não sói acontecer, fala com fulano, com

beltrano, vende seu peixe, se comunica e tá acabado. Até bacana isso!

— Todo ano eles lançam o concurso da Bonequinha do Café. E tem também a Miss Crioula. E este ano foi uma do nosso instituto de Beleza que ganhou.

E ia falando, preenchendo o pequeno ambiente com sua voz doce, pausada. Engraçada a moça!

— Uma mulata linda de morrer!  
Opa! Ai foi que eu tremi. Mas não foi de susto, não. Foi de rir por dentro de mim. Um pouco, não escondo, de pasmo também.

Pela incoerência. Pelo disparate. Como?!

Miss Crioula, mulata?!  
Quando muito, poderia ser, então Miss Mulata!

Não, não, não é nada disso não, hein? Não tenho nada contra as mulatas. Antes, muitíssimo pelo contrário, até às avessas, gosto, babo, me derreto todo diante da resultante da mistura das raças que, se odiavam de dia e se amam no cochicho da noite, pelos cantos escuros (quicá iluminados!) que só Deus, com sua visão infinita e mais aguda que o raio X pode localizar.

O engraçado é a incoerência. Miss Crioula e ser mulata!

Vai ser duro alguém me convencer de que não há diferença.

Ou não seria isso um mal disfarçado preconceito, às vésperas da comemoração do dia do ato que, hum! hum!, libertou os negros no Brasil?

Não se pode mais ser negro, só! Tem que ser a Miss Crioula uma mulata?! E por que? Ou seria a maneira preconceituosa da jovem quarentona que dizia, expressar-se, até, acredito, inconscientemente?

Porque eu não vi. E não ponho dúvida na beleza da Miss.

Que mulata pode ser bonita, mas pode também ser feia. Negra pode ser bonita. Mas também pode ser feia. Branca, também, pode ser bonita, mas pode também ser feia. Etc... Etc... Etc...

É tudo isso, sem levar em conta o subjetivismo da lente com que examinamos a coisa. O que é bonito?

Bonito pra mim, que não sou nenhum esteta, é a simpatia. A harmonia, das partes num todo. É a conformação natural de uma coisa.

Então, não se pode analisar o belo se escorando num padrão que não vai servir para todas as coisas sob julgamento.

Como comparar, com um mesmo padrão, a beleza de uma marciana (e eu juro que já vi) que tem só um olho na testa e de uma jupiteriana que tem três?!

# MISS C

Pra mim é difícil. Não dá.  
Mas parece que nesses concursos a tendência é a escolha da candidata, cuja beleza, mercê dos cruzamentos processados, se aproxima mais do padrão branco.

Ah! Bom. Agora dá pra entender. Assim eu entendo.

Dá até para aceitar uma miss crioula, que seja mulata.

Agora tá explicado. Tá limpo, como diria o outro.

Mas até quando vai isso aí?  
Tem que ser Miss Crioula ou Miss Mulata e fim de papo. Sem essa de Miss Crioula que é mulata.

Não é preconceito, não é do cava nhaque.

Porque senão, então, vamos eleger a Miss Mulata. Ai tá tudo bem.

Dentro do contexto. Debaixo do epíteto.

Mas Miss Crioula Mulata, essa eu não engulo nunca.

Isso sim que é preconceito, é complexo, é sacanagem.



# mulher negra

A mulher de uma maneira geral tem uma luta muito dura para se impor na sociedade como ser pensante e atuante. Em especial, para nós as mulheres negras, a briga é muito mais difícil pois temos que vencer o preconceito do sexo e da nossa pele preta. Nossa participação na vida, apesar de indispensável, quando não é ignorada é considerada inferior.

Durante a escravidão, lutamos ao lado dos homens apoiando-os ou participando ativamente pela abolição. Temos o exemplo de Luiza Main, mãe do poeta Luiz Gama, que se envolveu em planos de insurreição de escravos, apesar de livre, e também, na sabinada, sendo presa várias vezes.

Muitas vezes fomos usadas como escada para portugueses que quando enriqueciam, simplesmente se desfaziam de nós, como vemos no romance de Aluizio de Azevedo, «O Cortiço».

Após a abolição, o desemprego de negros era maciço, seu trabalho passou a ser feito pela mão-de-obra européia. Ai, nós mulheres negras tomamos o sustento do lar, pois era mais fácil conseguir emprego como ama de leite, cozinheira ou lavadeira, enquanto o homem só conseguia serviços de baixo salário.

Daí, talvez, surgiram os malandros que ficavam em casa enquanto as mulheres trabalhavam. O que nunca se leva em conta é que esses malandros não trabalhavam não por falta de vontade e sim por falta de emprego.

Mais recentemente, dentre as mulheres negras que participaram de

movimentos pela nossa raça, encontramos D. Eunice Cunha, que ao lado de seu marido, ativo batalhador das causas negras, colaborou, ai pelos anos 30 no jornal «O Clarim da Alvorada». Ela nos conta que enfrentou diversos problemas, mesmo sendo uma professora, profissão bem conceituada na época, por ser negra.

Entre outros fatos interessantes ela nos conta que certa vez foi planejada pelas chamadas «damas da sociedade» uma escola para empregadas domésticas negras, com o nome de Luiz Gama. D. Eunice então escreveu uma crítica onde expressava toda a sua revolta através d'O Clarim. O artigo surtiu efeito pois nunca mais se ouviu falar em tal escola.

Hoje não podemos deixar que a nossa participação seja subestimada. Embora ainda sejamos olhadas como boas domésticas ou como objeto sexual, a nossa presença é cada vez maior e mais ativa nos grupos negros. É necessário que tenhamos consciência da importância do nosso papel na formação de novos homens e que de nós vai depender o futuro deles, visto a influência que as mães tem sobre os filhos. Não podemos ficar paradas nos lamentando. Devemos conquistar o lugar a que temos direito e para isto é necessário que mostremos que também somos capazes.

Temos agora um lugar no Jornegro, e contamos com a sua ajuda para que ele tenha continuidade, enviando críticas, sugestões. Tomemos o exemplo de D. Eunice, pois é preciso que agente se una e ao lado de nossos negros lutemos para valorização de nossa raça.

## INTERIOR

Todos sabem que no interior as mudanças são mais difíceis e mais lentas do que nos grandes centros. Mas o renascer da consciência afro brasileira, que está relacionado com a nova posição dos povos africanos no mundo, está influenciando positivamente também nos aqui em Orlândia. Por outro lado a mente do branco ainda não se livrou do complexo de superioridade diante de nós e ele continua agindo como se a nossa geração tivesse a alma branca.

Nossa geração representa uma nova mentalidade que não aceita ser tingida de branca para ver reconhecido o seu valor. Não temos nada a ver com o negro de alma branca, aquele que esabe o seu lugar, que logicamente é o mais ridículo. Eis alguns exemplos do que acontece por aqui, mas que a moçada está tomando posição a respeito.

### TIRARAM A MÁSCARA

Aqui a classe operária não possui nenhum clube social e o carnaval popular tem sido realizado em um armazém que serve como depósito de fardos de algodão. Como existe na classe operária um contingente maior de pessoas negras, surgiu, durante este ano em que o seriado «O planeta dos macacos» foi exibido na TV, o apelido racista de «planeta dos macacos» com que a classe média começou a denominar o carnaval popular. Isso gerou incompreensão e muita revolta, onde partiram para a agressão, o palavrão como meio de defesa de uma raça que não é reconhecida nos seus valores.

### PALHAÇO E RACISTA

Programa de calouros de um circo na vila operária, Lambreta, o palhaço anuncia o calouro. Diante do microfone comparece um cara negro que dava a impressão de estar alcoolizado. Fato comum entre os moradores da vila. O calouro começou a cantar imitando o Sidney Magal e Lambreta, incapaz de fazer o público rir, apelou e saiu-se com esta imbecilidade: «Palmas para o Sidney Macacos». Humilhado, o calouro se escondeu atrás de um tímido sorriso enquanto que o mal estar das pessoas negras presentes indicava o desacordo com aquela agressão disfarçada em piada de mau gosto.

Fatos como esse servem para identificar o nível de racismo de pessoas que normalmente se escondem atrás do chapéu «não existe racismo no Brasil» mas que estão prontos a nos chamar de racistas quando assumimos a defesa de nossos valores.

### O GOSTO MUSICAL NÃO É TÃO BITOLADO

Nas grandes cidades a invasão da cultura estrangeira é um negócio sufocante. A maior parte da programação das emissoras de rádio é com base em música estrangeira e isso tem implicações muito sérias. Desde o fator econômico, em que nos subdesenvolvimos

ajudamos a enfiar as fortunas de astros internacionais alguns deles verdadeiros bagulhos em sua terra de origem até o fator cultural, que nos afasta de nossa realidade e nos condiciona a ver qualidade apenas na arte importada. E o que é ainda mais alienante e se fixar apenas num determinado ritmo de um determinado país.

A criatividade musical negra é muito variada e em todos os cantos do mundo onde vive, o negro está produzindo música da melhor qualidade. Então por que essa mentalidade de povo dominado, que nega seus próprios valores e passa a depender totalmente dos padrões alheios? Esse é um aspecto do Movimento Soul que preocupa e que não podemos deixar pra lá, principalmente agora que o Soul tá sendo posto de lado e já tá pintando o disquete pra dar sequência a moda. Música negra? Tudo bem, chego junto e não abro. Mas só dos EUA? E o resto do mundo negro? E por que o preconceito contra a própria música daqui? Por que não a música da Jamaica, da Guiné, de Angola, e da Guiana também?

No interior há uma preservação das raízes, há todo um interesse voltado para o que o negro faz atualmente em termos de cultura, se aparece um Gil na TV com Refavela, uma Zézé Mota no cinema com Chico da Silva, há uma aceitação da mensagem em termos de «Negro pode e deve ser...»

O Samba ainda encontra no interior maior penetração que o Soul e outras formas musicais, porque é uma conscientização de uma musicalidade que em grande parte expressa o passado que edificou nossa formação.

O Soul e a Discoteque são aceitos como uma imposição, quase forçada. O jovem do interior aceita na medida em que ele contribuem para sua condição de mod-rninho, na base do «porque todo mundo faz». Há um interesse no seu ritmo, no balanceio, mas na medida em que aparece um Milton Nascimento com «Raças» na sua praça Travessia, um Jorge Ben com África Brasil, o pessoal se liga naquilo que ele entende ser melhor que estas formas impostas.

«Gosto de soul, de discoteque, de samba, mas gosto mesmo é da música da raça, Milton, Gil».

Euclides, 22 anos, trabalhador.

«O Soul é gostoso pra dançar mas só entendo a Lady Zu, enquanto o Samba tá aqui dentro, e da gente».

Paulo, 17 anos, trabalhador.

«A música discoteque, apesar da gente não entender por ser americana, dá um ritmo melhor pra dançar enquanto pra ouvir eu prefiro Gil, Macalé, Martinho da Vila, etc».

Fátima 17 anos, estudante



PAVIMENTAÇÃO, CONSTRUÇÃO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO LTDA.

R. Rufino Duarte, 105 - 13º andar - Tel. 265-1748 - Casa Verde - CEP 13521 - S.P.

# RIOULA

De quem? Não sei. Só vendo. Só conhecendo as partes

Pode tanto ser de uma como de outra; uma coisa de um, outra de outro; como pode ser também as duas dos dois, como pode muito bem ser o inverso. Isso fica pra você, que é mais jovem, que tem mais tempo, pensar um pouco.

Tá aí o relato. Que eu só boto no papel o que vejo, ouço e sinto. Depois me calo, me fecho.

Mais um pouquinho só. Perdão, para os mais entendidos.

Mas por MISS?! Se perguntar para «Miss Crioula» é capaz que ela nem saiba!

Tá certo. Se fosse lá nos «States»... tudo bem.

Agora, aqui, Miss Crioula...

Senhorita Crioula, então? Será que é isso? Eu não sei, estou perguntando.

E depois, esse negócio de crioula...

Tá bom, não precisa ficar bravo. Etimologicamente, tudo bem. Mas eu só

acho que o termo tomou uma conotação, preconceituosa, com o tempo, aqui no pedaço (BR). Porque o branco é João, o Carlos, o Sr. Luis, o Dr. Gouveia. Agora, o negro, não tem nome?!

É crioulo?! É crioula?! É negrão?! É escurinho?!

Pensar um pouco, né?

E também essa coisa de comemoração, não está me cheirando muito bem. É que eu não entendo, sabe? Escapa à minha percepção. Comemorar o quê?!!

A libertação? Dos Estados Unidos da América? Ah!, não é isso?! Então, desculpe. Eu sou meio desligado.

Libertação dos negros no Brasil? Como?? Não entendi bem, sou meio surdo.

Jurídica? Ah! agora entendi. Obrigado.

E esse negócio de concurso, acho que tem coisa mais importante pra se fazer e pra se pensar.

Bom, eu só tô contando, porque ouvi. Não vá levar a mal

«Se você não concordar, não posso me desculpar...»

E depois, também, a gente vive numa democracia, né?!

Tudo bem.

Ah!, viu? Eu tenho mania de recitar. Se você me permitir...

Posso oferecer?

É só um pedacinho:

«Andrada, arranca esse pendão dos ares,

Colombo, fecha a porta dos teus mares».

Perdão, hein? (Antonio de Castro Alves).

## ATIVIDADES

De Campinas recebemos do Jorge Alberto de Sousa, o famoso Beto, a comunicação de que no dia 22 de julho a sua equipe Magic Show, realizará no C. C. Recreativo Campinas aquele baile soul. Para tanto Beto convida e espera a participação da moda negra de São Paulo.

No CECAN, até o dia 9 do corrente estarão expostos os trabalhos do Fotógrafo Afro-Uruguai Mario Spinosa, em que o artista se propõe «desenvolver novos conceitos e simbolismos fotográficos ao nível de estudo e análise da beleza.»

## E depois do black pau?

O black chegou e ficou, a nova postura da geração jovem negra, da nossa geração, veio para ficar; chegou se impondo, com seus cabelos afros, trançados ou não, com suas roupas extravagantes ou não. A jovem negra assumiu seu cabelo e viu que ele era lindo, como ela também o é, o soul chegou junto, uma dança pesada e bonita que fez a cabeça de todos nós.

Não importa a letra, importa o sentimento, importa o som. Enfim chegamos todos juntos, chegamos fazendo nossos pontos, nossos locais de encontro, nossas equipes e nossos cumprimentos. Todos somos blacks e como irmãos e velhos amigos nos vemos.

Porém passada toda a euforia do novo, ficaram no ar algumas dúvidas. E daí?

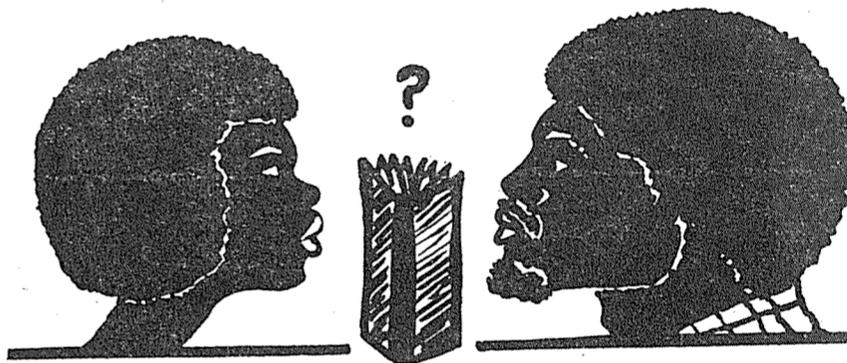
Será que é só isso que temos a fazer? Será que somente é esse o espaço que devemos ocupar? Pois é irmão, começaram a pintar dúvidas. O soul que defendíamos a todo custo já está virando disquete. O que será do amanhã? Se pintar outra moda embarcaremos numa boa, e numa boa iremos consumir seus modismos? E a nossa vida, como fica? Acreditamos que já está na hora de pararmos e refletirmos o hoje, o aqui e o agora, para assim decidirmos do amanhã

A moda black foi ótima pois pudemos assumir muitas coisas realmente nossas e com isso ocuparmos um espaço importante, porém devemos dar continuidade com esse processo, pois temos muita coisa pela frente para encararmos como blacks, hoje somos blacks, mas devemos nos fortalecer para que possamos ser bons negros e nunca «negros bons», pois somos um terço da população e como tal devemos ocupar no mínimo um terço da sociedade em todos os seus segmentos.

Soubemos importar do irmão americano suas músicas, seus trejeitos (que também eram os nossos, mas tinhamos medo de assumir), temos agora de sacar, também, a sua garra na conquista de sua posição como negro. Já que somos irmãos e nos reconhecemos como tal, temos por obrigação zelar e patrocinar o bem dos menos favorecidos, pois se agora não o somos, nossos pais o foram, e não devemos esquecer disso. Temos pela frente um grande trabalho, e é importante que estejamos preparados para tal. As idéias já começaram a pintar, temos que passar para o campo da ação.

Pois parafraseando um irmão, o Gil: «Que black é esse que eu quero saber, é o mundo negro que viemos mostrar para vocês...»

## LITERATURA



Quando a gente escreve o papo é outro. E muito já foi e continua sendo feito em termos de literatura. Só que falta a divulgação para que essa criação se torne conhecida. Ai vai então um pouco de informações sobre a nossa Literatura Negra e a demonstração que lhe é devida.

### SER NEGRO

Até quando, amigo? até que o mar volte a ser/o que era?

até que o mar volte a ser/o que era?

até que os corpos voltem à praia e se amotinem em negreiras naus desses tempos?

Há

Um alvo onde nossas forças recapeadas de fraquezas brancas possam medir e serem torrentes de uma dor prostrada violentada

mas que a Primavera será um dardo uma lança um raio laser

(Abelardo Rodrigues)

### O QUE APRENDER?

A comer e beber? sobreviver.

Não é o bastante;

Quero ser livre.

Viver amanhecendo.

Morrer na noite.

Ao novo dia já parti,

E assim consumido vivi.

Um corpo morto em vida,

Não uma vida-viva.

Eu não vivi.

Já estava morto

antes de partir.

O sangue quente

Transformado em corrente,

Eu sou gente!

O que aprender?

Viver dormindo

Conquistar ou ser conquistado.

Cultura?

Minha história a tem.

Alienado

Assim detém

Ignorância, fome e sede

«E agora na hora

de nossa morte, amém».

(Arthur João Souza de Oliveira)

### LIVROS

Pelo Escuro — Oliveira Silveira

Banza, Saudade Negra — Oliveira Silveira

Praça da Palavra — Oliveira Silveira

Décima do Negro Peão — Oliveira Silveira

Lamentos só lamentos — Belsiva

O carro do Êxito — Oswaldo de Camargo

Memória da Noite — Abelardo Rodrigues

## JUNHO

## CALENDÁRIO

1633 2 - Calabar, orientando cerca de 500 homens, junto com VanSchkopp, ataca e ocupa o Forte do Rio Formoso.

1662 8 - Henrique Dias Morria em Recife. De 1633 a 1654 esteve à frente de seu corpo de pretos

1809 3 - Alvares criando impostos sobre entrada de negros no Brasil, devido as despesas com a vinda da Família Real, 5% sobre o seu valor.

1839 7 - Nasce em Serapipe o pensador Tobias Barreto de Menezes.

1839 21 - Nasce no Rio Machado de Assis, considerado o maior escritor brasileiro de todos os tempos

1889 27 - Morre em Recife o pensador Tobias Barreto de Menezes

1939 30 - Morte de Evaristo de Moraes.

No Paissandu, a festa...



no cemitério, a romaria ao túmulo dos abolicionistas...



no Municipal, o artista contesta...



no rosto do negro velho, a esperança...

### Abolição, 90 anos. E depois?

13 de Maio de 1978. 90 anos de Abolição. Festas, homenagens, bailes, espetáculos, conferências, protestos. Passado o burburinho, porém é preciso que se reflita, não somente sobre a data e seu significado, se merece ou não comemorações, com festas ou protestos, mas sobre toda a influência da escravidão sobre nossas vidas, até hoje.

Comemoraram-se noventa anos da abolição e sobre nossa situação atual não é preciso comentar; pois a estamos sentindo na carne. E como estaremos no centenário da abolição? E nos próximos 90 anos? Indaguemos a nós mesmos o que estamos fazendo para que a situação não seja a mesma. Não fiquemos esperando que nos seja dada uma nova abolição.

É preciso que todos reflitamos sobre os fatos e busquemos as saídas que nos convir. Todos nós, os que foram à festa, o velho que tem esperança, os intelectuais que reverenciaram os abolicionistas, as bonequinhas que exibiram suas belezas no hotel de luxo (distante delas no dia-a-dia), a mãe negra cheia de dúvidas no futuro, o artista, e sobretudo, aqueles que sofrem o subemprego pelas ruas.

nas ruas, o subemprego continua



no rosto da jovem mãe negra, a dúvida...



... as Bonequinhas do Café sorriem...



... e a Prefeitura já acabava com a festa

## O Maestro Zezinho

O Maestro José Toledo (Zezinho para nós), nasceu lá pelos anos 18 (como ele diz) em Cafelândia. Até os 18 anos capinava café e estudava música, começou tocando «Requinta» um clarinete, uma quinta acima.

Sua vivência musical o levou da bandinha local até os Cassinos da época.

Por volta de 1936-38, em São Paulo tocou no Paulistano, no Clube Elite e na Record, seguindo depois para o Cassino São Vicente, na mesma cidade, na Orquestra de Mario Silva. De lá foi para o Cassino de Copacabana em 1944. Em

todos esses lugares não entravam negros, mas foi justamente ele e alguns outros os primeiros a fazer parte dessas Orquestras; como na época precisavam de bons profissionais e sendo ele muito bom conseguiu romper as barreiras, pois neste período, década de 40 e 50 o negro músico teve grande espaço, devido a necessidade de bons músicos obrigava os a se dedicarem

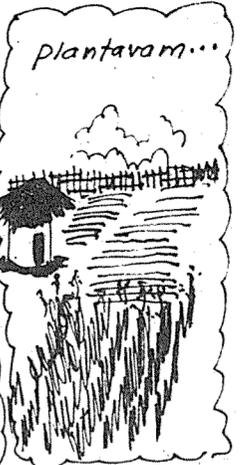
bastante. Logo após seguiu para a rádio Tupi, tocando na Orquestra do Carioca. Com a vinda da televisão passou a ser maestro agora na Teve Tupi.

Em 1956 musicou o documentário «Carnaval Fantástico», ganhador da Palma de Ouro no Festival de Cannes. Trabalhou também com Marcel Camus, fazendo a trilha sonora de Portugal meu Amor. De volta ao Rio retornou com seus trabalhos de Maestro.

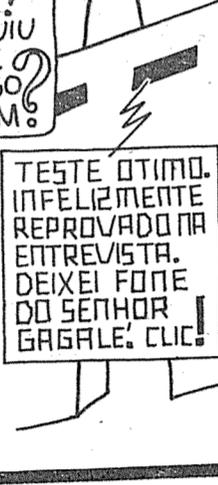
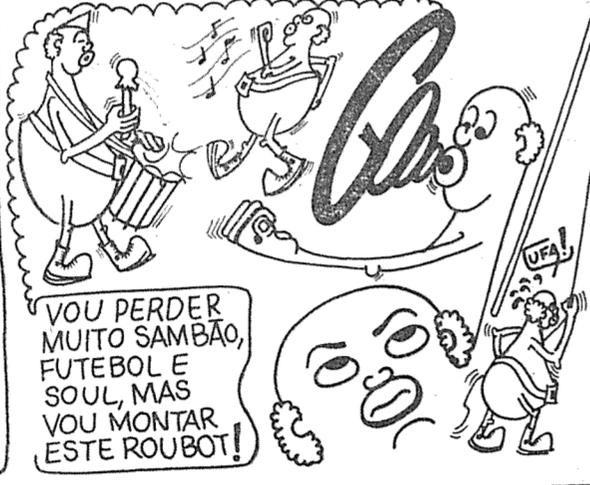
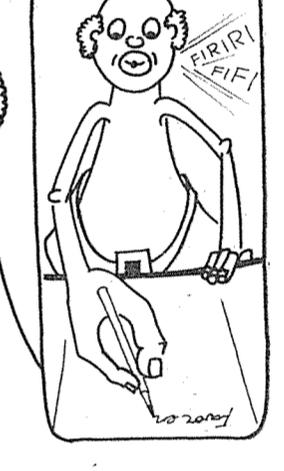
Há 11 anos em São Paulo desenvolve atualmente trabalhos junto as gravadoras. A sua visão musical é atual, sendo um admirador do Soul; encarando o movimento como evolução natural e obrigatória. A partir do próximo número teremos o Maestro Zezinho como colaborador, escrevendo artigos musicais.



zumbi



gagalé



MURAL

ELEIÇÕES 78. E A NOSSA PARTICIPAÇÃO?

Estamos em época de eleições. E a nossa participação? Muitos leitores estão questionando **Jornegro**, querendo saber quem é quem entre os candidatos da comunidade. Que propostas fazem? O que poderão fazer realmente, sem demagogia? Chegamos a uma só conclusão: como há vários candidatos negros, cada um com uma proposta, é necessário que todos se coloquem claramente perante a comunidade, dizendo o que pretendem e podem fazer, sem subterfúgios. Para conseguir tal objetivo, **Jornegro** propõe a todos os candidatos negros que nos encontremos, eles e seus

possíveis eleitores, para um debate amplo e sincero em que cada um exporá suas idéias. Em princípio, a **Feabesp** propõe a data de 06 de agosto próximo, a partir das 14 h no salão de uma entidade afro brasileira filiada. Os interessados podem confirmar sua adesão entrando em contato com a **Feabesp** à rua Maria José, 450, das 19 às 22 h. Vamos lá pessoal. Fiquem ligados, confirmaremos data e local no próximo número, e estaremos à disposição na sede, para maiores esclarecimentos.

• Luta de Classes-Explorador contra explorados, não importa a raça

Adarunzá, soberano do Daomé, enviou embaixada à Bahia (26.5.1795) para propor às autoridades portuguesas o monopólio do comércio de escravos através da fortaleza de São João de Ajudá que os portugueses tinham instalado na costa daomeana. Para o ambicioso Adarunzá o forte de Ajudá era fonte de renda e poder e através dele se livrava de seus inimigos que também vendia como escravos (fonte: J.H. Rodrigues - *Brasil África: outro horizonte*).

José Julio Bastos, 25 anos e terceiro-nista de contabilidade, depois de aprovado nos testes para escriturário do

Banco Mercantil de São Paulo de Petrópolis-RJ não foi admitido porque conforme explicou o contador da empresa «O Banco não contrata pessoas de cor para trabalhos internos» (JB 18.5.76).

Oficialmente, tudo bem!

Durante as solenidades promovidas pela ONU em comemoração ao Dia Internacional para a Eliminação da Discriminação Racial foi lida mensagem enviada pelo Governo brasileiro que diz ser o Brasil «o produto da mais ampla experiência de integração racial que conhece o mundo moderno, resultado, ao longo dos séculos, de um processo harmonioso e autônomo...» (JT 21.3.77)

«Amar a vida em toda a complexidade de suas inúmeras ameaças e ilimitadas promessas é, seja para melhor ou para pior, amar esta incomparável comunidade».

Sim, aquele Harlem que estamos acostumados a ver através de filmes e enlatados tipo «Kojak» e «Baretta», em que aparece um negro habitante do Harlem, vistosamente vestido, fala maneira, chapéu exótico e bem colocado sobre a cabeça, e que se não é marginal é o alcaçute ou o gigolô de algum lote de prostitutas negras, existe sim, mas, existe também um Harlem que não vemos através de televisão ou cinema, um Harlem em que todos os negros tem uma luta diferente daquela mostrada pelos ditos filmes. Um Harlem em que todos os seus habitantes tem um ponto em comum: são conscientes de sua condição de negro numa terra de brancos e lutam pelo mesmo ideal «Uma comunidade sadia».

**UM QUINTO VIVE DE SUBSÍDIO DO SEGURO SOCIAL**

No Harlem, encontram-se algumas das mais elegantes construções de arenito marrom de Nova York. Os negros da classe média que noutros tempos delas saíram estão agora regressando à suas antigas habitações e restaurando-as, mas, se é possível ver grandes edifícios de apartamentos, encontramos, também, vastas áreas com habitações em mau estado.

Pelo menos 50% dos prédios habitados pela comunidade são de qualidade inferior. O desemprego oscila entre 13% e 16%, não contando com os trabalhadores desencorajados que deixaram francamente de procurar colocação. Uma quinta parte de todas as famílias vivem de subsídios da segurança social. Cerca da metade dos jovens não conseguem arranjar trabalho; muitos não podem arranjar emprego por não terem qualquer preparação profissional ou por vício de estupefacientes.

# HARLEM, inferno ou paraíso?



É elevada a taxa de criminalidade. A violência é o pão nosso de cada dia. Nas noites de sexta feiras e sábado, o hospital do Harlem assemelha-se a um ambulatório de retaguarda num front de guerra. Mas apesar de tudo, o Harlem continua sendo a fortaleza chave dos negros dos Estados Unidos.

**NEW HARLEM**

O Harlem começou como aldeia índia às margens daquilo que é hoje o rio Harlem, entre as atuais ruas 110 e 125.

Em 1658, uma aldeia de nome Nieuw Haarlem é fundada por colonos

holandeses (essa aldeia era uma comunidade agrícola) próxima a essa aldeia havia outra de nome New Amsterdã, mais tarde New York (Nova York). Escravos negros importados pelos holandeses construíram a primeira estrada da parte baixa de Manhattan, ao longo do antigo caminho índio para a aldeia: a Broadway de hoje. Entre as duas cresciam enormes fazendas instaladas por norte americanos ricos, que fizeram de Nova York o centro de desenvolvimento da região, enquanto o Harlem permanecia rural até o final do século XIX. Pouco a pouco, os terrenos agrícolas tornaram-se áreas residenciais. Em

1873, a aldeia de Harlem transformou-se num bairro de Nova York, embora a princípio habitado por brancos. É por volta de 1905 que os negros escolhem o Harlem como lugar para morar. Eles afluem de outras comunidades negras próximas como Greenwich Village e a parte oeste de Manhattan. Isto é suficiente para que os brancos que ali residem, se afastem para outros bairros. Negros de outras áreas residenciais, então, se mudam para o Harlem, e mais tarde, também os negros de áreas rurais do Sul, mais pobres, fugindo da discriminação racial da sociedade branca. A onda de migração é mais acentuada nos anos de 1910 a 1920 quando a população negra já é de 200 mil habitantes. Concentrando a população negra do País, o Harlem acaba se transformando no seu maior ghetto. Por volta de 1930, eles já era donos de boa parte do centro do lugar, mas, à medida que a grande depressão se alastra, foram mergulhando em horrível miséria.

**COMUNIDADE TRIUNFANTE**

Nos diversos períodos ao longo dos últimos 50 anos, houve vários Harlems, separados por linhas étnicas: O Harlem Italiano, o Harlem Negro, o Harlem Hispano-americano (sobretudo porto-riquenho), o Judaico e o Holandês, assim como uma pequena colônia de finlandeses. Hoje muitos homens e mulheres eminentes residem no Harlem, e sua dedicação à comunidade tudo abrange em seu devotamento. Ali moram juizes, professores universitários, cléricos, advogados, dirigentes de empresas. Todos eles possuem o mesmo espírito do ex-sargento Frederick Watts, advogado que fez parte da seção de homicídios da polícia numa delegacia do Harlem e que conhece os perigos da área e seus constantes horrores, assim como seu indomável amor pela vida. Na verdade, apesar das tremendas dificuldades que o bairro tem de enfrentar, a sua é uma comunidade triunfante e não vencida. Ela testemunha o carácter indomável do espírito humano.

**Imprensa**

**×  
África**

Como diz Belsilva — poeta afro-brasileiro — em um de seus poemas: A África está se libertando!

E desde a 2ª Guerra Mundial que os ventos da libertação sopram mais fortes sobre o continente. A África se transforma vivendo as lutas de libertação contra o colonialismo e o imperialismo. Mas só depois de terminada a guerra do Vietnã que a África ganhou maior destaque no noticiário dos meios de comunicação de massa. Desde então, as grandes agências de informações produzem enchurradas de notícias sobre as lutas que modificam as condições de vida na terra mãe dos orixás. É a libertação que surpreende, encanta, assusta e que todos discutem. A África está nas intenções e na boca de todos: dos velhos amigos que ajudaram nas guerras de libertação; dos novos aliados que querem fazer lucrativos negócios e das velhas potências colonialistas (Inglaterra, França, Bélgica, Alemanha, EUA) que manobram para manter seus privilégios custe o que custar.

No Brasil, um dos países deslumbrados com a possibilidade de lucrativos negócios na África, também tem havido um maior volume de informações sobre continente africano. Quase todo dia os grandes jornais brasileiros publicam material sobre

África produzido pelas agências americanas ou europeias de informação.

E qual é a imagem africana que essas notícias transmitem? Em grande parte, elas dão uma imagem incompleta e falsa. Por exemplo, quando falam das excentricidades de ditadores como Jean Bokassa da república Centro Africana ou de Idi Amin, de Uganda sem mencionar que são filhotes do imperialismo e que facilitam a dominação ocidental. Também quando mostram as guerras as notícias não são completas. Guerra na Somália, no Chade, na Namíbia, na Eritreia, no Zimbábue, em Angola, no Zaire, etc. Por que tanta violência? Será devido a um instinto sanguinário da personalidade africana? Lógico que isso é um absurdo mas foi justamente isso que tentou sugerir uma notícia de origem francesa reproduzida no Estado de S. Paulo (04.6.78) que classificou de «selvageria, barbárie mais primitiva» os recentes acontecimentos nessa explorada nação africana hoje chamada Zaire (ex-Congo Belga) e que já foi propriedade particular da família real belga.

O que estará por trás dessas simplificações grosseiras? Essas notícias africanas que europeus e americanos espalham por todos os meios de comunicação do mundo ocidental estão muito mais preocupadas em combater a influência comunista na África e manter os interesses capitalistas do Ocidente que aí se instalaram desde os tempos do

monstruoso comércio escravista. Por isso essas notícias não conseguem nos transmitir uma imagem completa sobre os interesses do homem africano que se engaja nessas lutas. Por isso não conseguem ser claros e diretos como Bob Marley quando fala sobre os conflitos que forjam novas condições de vida na África. Cantando a nova África, **Bob Marley — cantor e compositor jamaicano** — provou ser também um grande cronista das lutas de nosso tempo. E as idéias e informações que nos transmite chega numa forma maravilhosa e mágica, porque ao som do incrível balanço do ritmo Reggae. Na composição **War (guerra) que faz parte de seu LP Rastaman Vibration, lançado no Brasil pela Phonogram em 1976, ele canta:**

Até que a filosofia da superioridade de uma raça sobre a outra seja completamente desacreditada e abandonada. Por todo lado haverá guerra, guerra. Até que não mais exista em qualquer país. Gente de primeira e segunda classe. Até que a cor da pele não seja mais importante que a cor dos olhos. Haverá guerra. Até que os direitos humanos sejam igualmente garantidos a todos. Sem critérios de raça. Haverá guerra. Até que o sonho de paz duradoura baseado na universalidade do homem deixe de ser uma ilusão apenas sugerida mas nunca realizada. Em todo lugar haverá guerra, guerra. Até que os desumanos e covardes regimes que trucidam nossos irmãos em Angola, Moçambique, South África

Sejam destruídos a ferro e fogo. Haverá guerra. Guerra no Leste, no Oeste, no Norte, no Sul. Luta e morte. Até esse dia. O continente africano não conhecerá a paz. Nós africanos lutaremos enquanto for necessário. Confiantes no sucesso como confiamos na vitória do bem sobre o mal. Guerra, guerra, guerra.

Nota: Quando esta composição foi feita os colonialistas portugueses ainda dominavam os povos de Angola e Moçambique, hoje livres e dirigindo seus destinos.

**Deputados negros defendem a África**

O Black Caucus, grupo formado por 13 deputados afro norte americanos, discorda da política imperialista do ocidente na África argumentando que «o papel dos soviéticos e cubanos na África foi distorcido e interpretado de forma errada». O presidente do grupo, Parren Mitchell afirmou: «Nos últimos meses, mantivemos reuniões com vários dirigentes africanos e todos eles disseram que a presença de cubanos e soviéticos é um assunto interno de que devem cuidar os países africanos. Acreditamos que esta é a posição correta sobre o caso». (O E.S.P. 08/06/78).